

As características do psicopata desde a infância, contadas por ele e por seus familiares

*The psychopath's characteristics since childhood,
told by him and his family*

de Marília de Souza da Silveira¹ e Cristina Adriana Rodrigues Kern²

RESUMO: A psicopatia é um tipo específico de transtorno de personalidade antissocial, caracterizado por falta de empatia, manipulação, mentira e impulsividade. Considerando os aspectos psicossociais enquanto fatores de risco para a psicopatia, o presente trabalho visa conhecer as características de psicopatas desde a infância, a partir de suas percepções e de seus familiares. O estudo foi feito com detentos de uma penitenciária da região sul de Santa Catarina, diagnosticados com psicopatia através da Escala Hare PCL-R. Para tal pesquisa, foi refeita a entrevista contida na referida Escala, visando maior profundidade nas respostas, e realizou-se entrevista semiestruturada com os familiares dos detentos. Os resultados foram analisados através da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados apontaram que os três indivíduos apresentaram características de psicopatia desde a infância, permanecendo até a fase adulta, porém com mais impulsividade, a ponto de levar à detenção.

Palavras-chave: Psicopatia, Características, Escala Hare, Família.

ABSTRACT: Psychopathy is a specific type of antisocial personality disorder, characterized by lack of empathy, manipulation, lie and impulsivity. Considering the psychosocial aspects as risk factors for the psychopathy, this study aims to know the characteristics of psychopaths starting at childhood, from their perceptions and their relatives. The study was done with inmates of a prison in the southern region of Santa Catarina diagnosed with psychopathy through the Hare Scale PCL-R. For such research it was remade the interview contained in that Scale, aiming a greater depth in the responses, and was conducted semistructured interviews with the relatives of the inmates. The results were analyzed by means of the Bardin content analysis, showing that the three individuals had psychopathic characteristics since childhood, remaining until adulthood, however with a greater impulsiveness that lead to the arrest.

Keywords: Psychopathy, Features, Hare scale, Family.

¹ Psicóloga pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) E-mail: marilia-souza@hotmail.com

² Mestre pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) E-mail: cristinak@unesc.net

Introdução

Os psicopatas são descritos como grandiosos, manipuladores, egocêntricos. Apresentam emoção superficial, falta de empatia, falta de ansiedade, são impulsivos, incapazes de cumprir obrigações, têm envolvimento com criminalidade, entre outras características (Hare, 2004). Esse tipo de criminoso é diferenciado de outros, pois é responsável pela maioria dos crimes cometidos com violência em todos os países (Hare, 1998 apud Hare, 2004), além de, normalmente, ser o mais indisciplinado no sistema prisional, iniciar a vida criminosa muito cedo e não apresentar melhoras em sistemas de reabilitação. “A psicopatia é o evento clínico de maior proeminência no sistema jurídico penal” (Hare, 1998 apud Hare, 2004, p. 16).

Em algumas perspectivas, os psicopatas são considerados personalidades anormais, como resultado da falha na constituição da personalidade (Schneider, 1950) e das influências causadas pelo mundo externo e pela hereditariedade. Apesar de considerar que a personalidade tem aspectos congênitos, essa perspectiva abrange importante influência do meio, tanto na educação quanto nas experiências vividas (Schneider, 1950). Acerca da influência do ambiente, questões como abuso sexual ou maus-tratos em menores podem refletir diretamente na problemática da psicopatia, sendo que esta realidade não pode ser negada, pois muitas vezes o abusador é um membro da família, uma criança mais velha ou até mesmo um indivíduo que já foi abusado também (Shine, 2000).

O objetivo da pesquisa é descrever as características psicológicas, desde a infância, de detentos diagnosticados como psicopatas, contadas por eles e por seus familiares. Conhecer as características dos psicopatas desde a infância contribui para uma possível prevenção e tratamento. Considerando, ainda, o que a literatura aponta acerca dos fatores de risco psicossociais, identificar as características familiares e sociais dos psicopatas torna-se ferramenta importante para que a população tenha consciência dos aspectos implicados na relação entre pais e filhos, bem como para que a comunidade científica tenha mais dados para futuros estudos.

Características psicológicas de psicopatas

Nem todos os indivíduos diagnosticados com transtorno de personalidade antissocial (TPA)³ são psicopatas, porém todos os psicopatas preenchem os critérios para o transtorno (Hare, 2004). Um estudo realizado por Morana (1999) com a população forense com diagnóstico de TPA indica que esse transtorno deve ser dividido em dois subtipos: transtorno global da personalidade (TG) e transtorno parcial da personalidade (TP). O primeiro tem uma aproximação do conceito de personalidade psicopática desenvolvido por Hare (1991), enquanto o segundo corresponde a uma forma mais fraca do transtorno de personalidade antissocial, dando ao indivíduo mais chances em casos de tentativa de reabilitação. Os indivíduos com TP manifestam menos os impulsos, sendo que o descontrole não é hábito destes. Já os com TG têm um comprometimento social e pessoal, não conseguem socializar, diferentemente dos TP, que são mais sociáveis. Para melhor entendimento, TG é o psicopata e TP é o “criminoso comum” (Hare, 2004).

O termo Psicopatia, utilizado no presente trabalho, segue a maioria dos clínicos e pesquisadores norte-americanos, que configura um conjunto específico de traços e comportamentos desviantes, conforme proposto por Cleckley (1976). Para chegar a este conjunto de características, o autor baseou-se em um estudo clínico com pacientes que ele considerava psicopatas (Silva e Vasconcellos, 2010). Os traços e comportamentos desviantes são os seguintes: charme superficial, inteligência, não se sentir nervoso em nenhuma hipótese, não confiar em ninguém, ser desleal, ter ausência de delírios ou outros sinais de pensamento irracional e não sentir remorso. É também um indivíduo egocêntrico, que não aprende com as experiências, com poucos relacionamentos, incapaz de sentir amor, compaixão ou afeição por outro ser, e de seguir um plano em sua vida (Cleckley, 1976 apud Hare, 2004).

Os procedimentos de avaliação tradicionais para a psicopatia — inclusive os que se baseiam em diagnósticos clínicos e em inventários de auto relatos — não comportavam os critérios de confiabilidade e validade. Nessa direção, foram feitas pesquisas que resultaram na construção da Escala Hare PCL-R (*Psychopathy Checklist-Revised*), sendo hoje o instrumento mais fidedigno para esse constructo. Essa escala de pontuação foi feita para avaliar populações forenses masculinas, e foi desenvolvida por Robert Hare, através de mais de 25 anos de pesquisas com populações prisionais. Ela serve para verificar as características da personalidade e das condutas de indivíduos. No entanto, o PCL-R não é considerado um teste, mas “um procedimento que depende de avaliação dimensional de personalidade” (Hare, 2004, p. 14).

Quanto aos aspectos interpessoais, esses indivíduos se mostram grandiosos, egocêntricos, manipuladores, determinados, dominadores e frios em seus atos. Já no âmbito afetivo, são superficiais em relação a emoções, não conseguem manter um vínculo com outro indivíduo, têm falta de empatia, não sentem ansiedade e nem sentimento de remorso ou culpa. Estes indivíduos possuem comportamentos impulsivos, normalmente violam as regras da sociedade (Hare, 2004). “A expressão óbvia dessas predisposições envolve criminalidade, abuso de substâncias psicoativas e incapacidade de cumprir obrigações e responsabilidades sociais” (Hare, 2004, p. 35). As características do psicopata normalmente já começam a aparecer desde a metade da infância até a infância tardia (Hare, 1970 e Millon, 1981 e Robbins, 1966 apud Hare, 2004).

Método

Esse estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) para apreciação, respeitando todas as normas da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CONEP). Foi iniciado com concordância dos sujeitos, obtida através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos detentos e por seus familiares.

O presente estudo é de natureza qualitativa, descritiva. A pesquisa qualitativa descritiva apresenta as características do fenômeno pesquisado ou de uma determinada população, podendo ser feita através de questionários, inventários, entrevistas, entre outros. Para a formulação destes, podem ser utilizados dados bibliográficos (Gil, 2008). O meio utilizado nesta pesquisa foi o Estudo de Caso,

³ Atualmente, o transtorno de personalidade antissocial tem como principal característica um padrão difuso de indiferença e violação dos direitos dos outros, sendo que este comportamento surge na infância e segue para sua vida toda. Comportamentos que são específicos dos indivíduos com TPA têm como características agressão a animais e pessoas, destruição de propriedades, fraude ou roubo e grave violação de regras. Este indivíduo pode repetidas vezes cometer atos que levam a sua detenção, mentir várias vezes; trapacear e fazer maldades são também características desses indivíduos. São motivados pela impulsividade do calor do momento, são irritáveis e agressivos, podendo envolver-se em brigas corporais. Há evidente irresponsabilidade com relação à situação financeira, podendo ser inadimplentes, fracassar em sustentar filhos e outros dependentes. Estes indivíduos podem ser indiferentes ao ferir alguém, maltratar ou até roubar; eles racionalizam de modo superficial esta determinada situação. Muitas vezes, até culpam a própria vítima, alegando que foram tolas ou que mereceram o castigo (APA, 2014).

que se caracteriza pela exploração profunda de um objeto ou mais, para conhecer de uma forma mais ampla e detalhada a sua realidade (Gil, 2008).

Os participantes da pesquisa foram detentos de uma penitenciária do sul de Santa Catarina, com os quais foi realizado um estudo anterior, em que obtiveram características elevadas de Psicopatia, por meio da Escala Hare PCL-R. Também foram participantes desse estudo os membros das famílias dos sujeitos que puderam ser contatados: tia de Elton, pai de Diego e pai de Carlos. Os participantes foram descritos com nomes fictícios, para preservação da identidade.

Instrumentos e procedimentos

O trabalho partiu de pesquisa documental sobre as aplicações da Escala Hare PCL-R realizadas com todos os detentos de um presídio do município de Criciúma (SC). Eles foram considerados culpados de cometer assassinato ou estavam sob julgamento por esse crime. As aplicações foram realizadas no primeiro semestre de 2011 por uma ex-acadêmica de psicologia da UNESC. Através da aplicação, foram identificados com características de psicopatia nove indivíduos, que apresentaram resultados de pontuação entre 23 e 36 pontos. Dentre eles, apenas quatro sujeitos encontravam-se na penitenciária escolhida para o local de estudo do presente trabalho e, portanto, o estudo foi realizado com os mesmos. Após a localização desses detentos, foi feita uma reaplicação da entrevista semiestruturada⁴ contida na Escala Hare⁵, visando maior profundidade das respostas.

Resultados e Discussões

A partir da reaplicação da Escala Hare, todos os sujeitos obtiveram o mesmo diagnóstico. Contudo, na soma dos resultados, dois deles foram diferentes da pesquisa anterior, devido à mudança nas respostas dos indivíduos de uma pesquisa para outra. Um dos resultados mostrou uma variação de 4 pontos, e o outro variou 1 ponto. As diferenças de resultados foram observadas pelas respostas em comparação nas duas entrevistas, e na omissão de dados de uma entrevista para outra.

A primeira entrevista foi com o detento Carlos, que aos nove anos já “roubava na praia, qualquer coisa”. Relatou que, no período escolar, costumava pular o muro para fugir das aulas e também arrumar brigas com outras crianças. Achava a escola “chata” por ter muitas regras, e incomodava as meninas “dando em cima delas”. Aos onze anos, teve problemas com a polícia, alegando ter sido confundido com outra pessoa e surrado, então ficou com raiva e jogou pedras no carro da polícia. Neste mesmo período, entrou para o tráfico, fato que explicou ter acontecido por influência dos amigos.

Carlos teve um filho aos treze anos de idade, circunstância de um relacionamento ocasional, sendo que a mãe não fez questão da convivência dele com a criança; até hoje, nunca viu sua filha. Com quinze anos, casou-se e saiu da casa dos pais. Considerou melhor sair cedo de casa, pois os pais falavam sobre questões que o incomodavam, como “trabalhar no tráfico”. Foi acusado de “tráfico

e um homicídio”, porém já cometeu outros crimes — como ele mesmo relatou, “outros homicídios”. Quando questionado sobre o que o levou a chegar nesse estilo de vida, referiu que os amigos lhe mostraram esse caminho. Sobre a influência dos pais nessa questão, disse não haver, pois eles falavam, mas ele não os escutava, então eles o “largaram de mão”. Tais características também se encaixam na delinquência juvenil, item que descreve o indivíduo com comportamentos antissociais na adolescência, sendo que estão entre acusações, condenações ou contravenções, de acordo com Hare (2004).

Carlos, em seus relatos, demonstrou não ter capacidade de aceitar responsabilidade pelos próprios atos. Ele afirmou que as vítimas não importavam, pois “no tráfico é assim: ou tu ou o outro”. Portanto, atribuiu a culpa de seus delitos ao tipo de atividade exercida (tráfico), eximindo-se dela. Ao ser questionado se gostava de cometer crimes, referiu que era por “defesa”. Neste aspecto, o indivíduo “(...) geralmente tem alguma desculpa para seu comportamento, incluindo racionalizações ou imputando a culpa aos outros (sociedade, sua família, cúmplices, vítimas, o sistema, etc)” (Hare, 2004, p. 72).

Ainda em relação à ausência de remorso ou culpa pelos delitos, disse que se arrepende “por ter muita vida pela frente”. Está perdendo tempo preso e, “se não matasse os outros, matariam ele”. Pelas verbalizações e pela forma de falar, não pareceu apresentar arrependimento em relação aos delitos cometidos. “Ele está mais preocupado com os efeitos de suas ações sobre si próprio do que com algum sofrimento causado às suas vítimas ou danos causados à sociedade” (Hare, 2004, p. 62). Relatou que, por questões de tráfico, já matou mais pessoas, inclusive um traficante que — segundo ele — “era muito forte”. Em relação à sua autoimagem, deu-se a nota 10 (de acordo com seus relatos, se mostra autoconfiante). “O ego inflado e as exageradas considerações para com suas habilidades pessoais são notáveis, dados os fatos de sua vida” (Hare, 2004, p. 56). Em relação à indiferença/falta de empatia, este indivíduo vê as emoções como uma fraqueza (Hare, 2004), dizendo que “uma pessoa é covarde quando tira a própria vida”, ou quando diz “ou era eu ou eram eles”.

Costumava sair sem rumo, viajando pelo Brasil para ir a festas. Não tinha metas em longo prazo; disse estar “seguindo a vida”. Teve três empregos, sendo que todos foram de pouca duração. Indivíduo apresentou ausência de metas realistas e de longo prazo. “Não se importa com o futuro, não se preocupa muito com isso” (Hare, 2004, p. 69). A pontuação para impulsividade foi alta, pois relatou cometer seus delitos por impulsividade. Disse se incomodar por coisas pequenas e ficar bravo. “Não perde tempo ponderando prós e contras de um ato ou considerando as possíveis consequências de suas atitudes, tanto para si próprio, quanto para os demais” (Hare, 2004, p. 70). Finalmente, observando o conjunto de infrações cometidas desde a infância, constatou-se uma versatilidade criminal, que incluiu furto, assalto, agressão, homicídio, posse de arma, entre outros (Hare, 2004, p. 70).

A entrevista com o familiar foi feita com o pai de Carlos. Ele relatou que quem cuidava desse e dos demais filhos era a mãe, pois trabalhava e via as crianças somente nos finais de semana (em alguns sábados também trabalhava). Relatou que, até os onze, doze anos, o filho ainda obedecia. Foi então que começou a se juntar com amigos do “lado ruim”, passando a “acreditar mais nos da rua do que nos de casa”. Refere que brigava com ele muitas vezes, incluindo “brigas feias”.

⁴ A entrevista semiestruturada é composta por questões que seguem uma ordem predeterminada. O entrevistado pode responder às questões com liberdade (Ludke e André, 1986) e o pesquisador pode acrescentar uma questão que não estava prevista (Moreira, 2002). Nessa direção, nos momentos oportunos, questionou-se os detentos acerca da sua hipótese para a psicopatia, descrição mais detalhada do relacionamento com os pais na infância e na adolescência, e se acreditavam que vivências da infância e da adolescência tinham a ver com as dificuldades atuais.

⁵ A escala é aplicada através de uma entrevista semiestruturada, pontuando o indivíduo em 20 itens. Esses itens referem-se a características de personalidade e, para cada item, há uma qualificação com três pontos (0, 1 ou 2). “O escore total pode ir de 0 a 40, sendo que de 15% a 20% dos criminosos apresentam um escore de pelo menos 25, valor utilizado para ponto de corte na padronização de pesquisas para o diagnóstico de psicopatia” (Hare, 2004, p. 15). O ponto de corte é no mínimo 30, por exemplo, no Canadá, onde há prisão perpétua para estes indivíduos, o que implica não ocorrer erros. No Brasil, não há leis específicas para penas de psicopatas, então o ponto de corte é 23, pois é válido que, a partir deste ponto, já se manifestam as características de psicopatia (Hare, 2004). “Seja qual for o ponto de corte escolhido, um escore elevado no PCL-R indica probabilidade elevada do sujeito reincidir em atividade criminosa” (Hare, 2004, p. 15).

Acha que, antes, ele era um menino legal, embora sempre tenha sido “uma criança teimosa”.

Quando o filho saiu da escola, na quarta série, “as coisas mudaram ainda mais”. Dizia para o filho: “Se trouxer a porcaria para dentro de casa jogo no vazo e dou descarga”. “Não faltou conselhos para ele”, relatou o pai. Em casa, o pai relatou que Carlos era brincalhão, especialmente com as irmãs, de quem “cuidava muito”. Dava socos nas irmãs, brincando. Era calmo: “filho na frente dos pais é uma coisa, não vou dizer que era um santo, nem coloco a mão no fogo por ele”. O pai relatou ainda que a punição era dada através de conversa, mas que costumava falar duas vezes; na terceira, batia, mas não muito. “Tem que tentar trazer ele para perto de mim”, comentou em relação a punições, mas a mãe era dura com os filhos: “ela falava gritando”. O pai contou que “até certo ponto era obediente, guri legal”, mas, depois das drogas, mudou “totalmente”. Diferentemente de quando estava fora, em casa Carlos era humilde. “Na rua tinha liberdade. É o que eu vejo, né!”

O pai de Carlos relatou que o presidiário tinha boa relação com os pais, mas se dava melhor com a mãe, pois ela ficava mais em casa (o pai só o via nos finais de semana). Sobre a escola, ele comentou que “nunca soube de rebeldia (do filho) lá”. “Não lembro de ter sido chamado na escola, mas lembro que, já com 13, 14 anos, ele ganhava uns ‘corridões’ da polícia.”

Perto dos 18 anos de Carlos, o pai o aconselhou, lembrando que, a partir de então, o filho poderia ser preso caso fizesse algo de errado. “Ele dizia: ‘não dá nada!’” Relatou ainda que o então adolescente ficava bravo e tirava satisfação quando se sentia incomodado, dizendo frases do tipo “não atravessa no caminho” ou “vai tirar para otário?”. O pai referiu que percebe o filho como muito desconfiado, especialmente quando questionado, mas acredita que essa desconfiança tenha a ver com o envolvimento com o tráfico. O pai relatou que o irmão mais velho do detento, (irmão somente por parte de mãe) foi seu “professor”. Em relação ao de crime que o detento é acusado, o pai acredita que seu filho matou o homem por pressão dos traficantes.

A segunda entrevista realizada foi com o detento Diego. Ele relatou que, quando criança, já “roubava dinheiro na bolsa da mãe” e costumava maltratar animais, como sapos, ateando fogo neles. Aos 16 anos, ele e um amigo abordaram outro jovem achando que ele tinha drogas. Ao perceberem que não era o caso, o amigo matou o sujeito. Diego participou do assalto e foram pegos pela polícia, porém disse não compreender por que seu amigo matou o outro. Aos 14 anos, foi “preso por fazer uma brincadeira que perturbava os vizinhos”. Ele alega que, neste caso, algumas crianças estavam brincando de focar a luz que refletia no espelho na casa dos vizinhos, que chamaram a polícia. Disse que chegou bem na hora e nem fez nada, mas a polícia considerou que ele também estava incomodando. Seu primeiro relacionamento sexual foi com 13 anos, segundo ele, com uma vizinha. Na escola, fazia muita bagunça e tinha falta de interesse pelas aulas, fugindo das mesmas ao pular muros, e fazia trapagens para não ter aula. Ele relatou que colocou palitos nas fechaduras de portas para não conseguirem abrir as salas de aula. Disse que seus pais não tinham muita influência sobre ele, pois geralmente mentia muito. “Acreditavam que eu era uma pessoa, e eu era outra”. Fazia as coisas erradas escondidas. Começou a usar drogas com 12 anos, já escondido dos pais. Casou-se com 17 anos e saiu de casa. Quando adolescente, “dava tiro em placas nas ruas” somente para se divertir. Esta característica é de indivíduos que frequentemente procuram correr riscos, fazer coisas excitantes, arriscadas e desafiadoras (Hare, 2004).

Em relação à ausência de metas realistas e de longo prazo, o detento teve cinco empregos, tendo deixado o trabalho pelo salário ser pouco, mesmo sem ter outro em vista. Acredita que sua sentença não teve nenhuma consequência na sua vida, apenas se preocupa com sua família. Aos 19 anos, largou o serviço e foi viver do crime, roubando cofres de empresas e mercados. “Não se importa muito com o futuro, não se preocupa muito com isso” (Hare, 2004, p. 69).

Mostrou irresponsabilidade nos seus atos, passando por vários empregos, não se preocupando com questões financeiras nem com a estabilidade da família, e ainda realizando atividades perigosas que poderiam levá-lo à prisão — como tiros em placas. (Hare, 2004).

O detento atribui a culpa de seus crimes a si mesmo e um pouco às amigas e às drogas. Relata também que já tentou sair do crime, mas “o diabo não me deixa parar”. De acordo com a Escala Hare, apresentou incapacidade de aceitar a responsabilidade pelos próprios atos — esses indivíduos costumam dar desculpa pelos seus comportamentos, imputando a culpa aos outros, como amigos, família, sociedade, etc. Quando assume seus atos, tenta minimizar as consequências destes (Hare, 2004). Um exemplo é o comentário feito em relação aos roubos: as vítimas “têm bastante dinheiro” e “peguei de quem tem”. Sobre ausência de remorso e culpa, o detento diz que se arrepende de ter cometido os delitos, pois agora está preso. Neste caso, estes indivíduos estão mais preocupados com as consequências para si do que para os outros (Hare, 2004). Em relação à superestima, “não vê o seu futuro afetado de modo negativo em decorrência de seus problemas legais”. É também um indivíduo que se mostra autoconfiante (Hare, 2004, p. 56). Diego diz que, apesar de estar preso, sua autoestima é alta: de zero a 10, se deu oito pontos em relação à autoimagem. “Vou poder dar a volta por cima para quem acha que não vou ter mais jeito”. Diz que se deu esta nota, pois ainda tem alguns erros. Durante a entrevista, foi um indivíduo que se mostrou sempre autoconfiante. O detento relatou que o homicídio de que foi acusado teria sido por impulso. Disse que seu primo mandou pensar bem, mas ele atirou no homem e ainda ficou atirando outras vezes. “A intenção era matar.” Ele se considerava uma pessoa impulsiva e “cabeça quente”. O indivíduo faz coisas no “calor do momento”, não considera as possíveis consequências de seus atos, muda de planos de repente. Indivíduo apresentou descontroles comportamentais, justificados pelo fato de estar “drogado no momento”. Tende a responder a fracassos, punições e críticas de forma violenta (Hare, 2004). Indiferença e falta de empatia aparecem quando o indivíduo faz comentários sobre o fato de as vítimas terem falta de sorte, ou tiveram o que mereceram (Hare, 2004). Assim sendo, em relação às suas vítimas, diz que seus atos não tiveram consequências para as mesmas, pois ele tirou dinheiro de quem tem bastante. Apresentou mentira patológica, sendo que relatou que mentia desde criança para seus pais, pois não queria que soubessem que ele estava usando drogas e cometendo delitos. Ao ser questionado se já usou nome falso, respondeu que “sim”, pois foi parado em uma blitz e usou o nome do irmão para não apanhar da polícia. Também alegou que os policiais o “tiraram para inocente”. “Sua prontidão para mentir e a aparente facilidade com a qual leva a mentira avante, até mesmo perante aqueles que o conhecem bem, é notável” (Hare, 2004, p. 59). De acordo com a entrevista, ficou evidente que o indivíduo cometeu vários delitos e, portanto, apresentou versatilidade criminal (cometer vários tipos de delitos, como furto, roubo, porte de arma, homicídio, agressão, etc.) (Hare, 2004).

Na entrevista feita com o familiar, o pai do indivíduo relatou que seu filho era uma criança calma, como as outras. “Guri sempre esperto, na escola não era o bicho, no futebol era bem disposto.” “O negócio dele era futebol, não tinha distúrbio nenhum”. Os pais se separaram quando ele tinha 13 anos de idade, e o pai o acompanhou de longe. Sobre a adolescência, o pai não soube descrever bem as características, pois não convivia com ele. “Normal, para mim ele era normal”. Na escola, não apresentava notas muito boas. “A mãe dele era mais leiga para os estudos, não sei se puxaram ela, mas depois que ele casou, voltou a estudar”.

Sobre o tempo que conviveu com o filho, relatou que ele era “reinentinho”, era brabo com o irmão, que bagunçavam quando ele saía e a mãe não dava conta deles, mas era só voltar que as coisas mudavam. Com o pai quase nunca em casa, quem tomava conta era a mãe, que era “desdobrada” pelos dois pequenos. Em relação à percepção de quando o detento teve mudanças no comportamento, ele relatou: “O que eu soube foi que, no início, ele começou a usar uns carros alienados, mas na verdade ele casou e começou com os rolos”. O pai sempre trabalhou, e

levava em alguns domingos o detento e o irmão para ficar com ele no trabalho: “dava um trocadinho para eles, para não ficarem muito soltos, para eles darem valor também para o trabalho, não como trabalho escravo, mas para entreter eles e não ficarem soltos”. “Eu passava para ela: ó estou trabalhando, estou sabendo disso, passava para ela”. “Ele era educado.” O pai acredita que mudou tudo depois da “desordem”. Antes da separação, percebia que ele era calmo e tranquilo. “Eu nunca fui de sentar e ficar detalhando, só falando, mas eles não eram de estar em bar, gostavam de futebol.” Em relação à adolescência do detento, o pai relatou “se ele fazia arte mais grave, na adolescência né? Não tenho lembrança”. Comentou não saber se o filho usava ou não drogas, pois não acompanhava a vida dele, mas via que se vestia bem, andava com bons carros e ia a festas, junto com o primo também. Ele relatou não saber de quando começaram “as coisas ruins”, mas disse que, no dia do crime, a tia até tinha tentado fazer com que eles ficassem em casa, mas não adiantou. “No dia que aconteceu, ele estava com o primo e uns amigos na casa do primo, até a tia dele fez um churrasquinho para entreter eles, mas mesmo assim eles foram para a festa”. Hoje os pais não o visitam, mas o pai disse que pretende fazer a carteirinha para visitar o filho e que para a mãe fica difícil, pois ela mora agora em outra cidade. O pai relatou não saber há quanto tempo o filho está na penitenciária.

A terceira entrevista foi com o detento Nando. Este apresentou ausência de metas realistas em longo prazo, segundo a Escala Hare. Em seus trabalhos, tinha cargos importantes: foi estagiário em um banco e gerente em um restaurante. Iniciou um curso técnico em contabilidade, mas não terminou. Apesar de ter passado por seis empregos, nunca deixou um trabalho sem ter outro em vista. Porém, em relação ao que irá fazer depois que sair da prisão, disse: “não sei”. Há oito anos, saiu de sua cidade, sem informar a família, e até hoje eles não sabem onde ele está. Pretende não ter mais contato com a família depois que sair da prisão. Ao final, relatou que gostaria de ver seus filhos apenas mais uma vez. Mas, apesar de não fazer planos, o detento relata saber fazer muitas coisas, e diz que sem emprego não fica quando sair da prisão. “Não se importa muito com o futuro, não se preocupa muito com isso” (Hare, 2004, p. 69). No quesito loquacidade/charme superficial, o detento disse que “gosta de contar piadas”, apresenta ser divertido e descontraído, porém não aparenta confiança. “Ele tem uma conversa boa e divertida” (Hare, 2004, p. 54).

Atribui a culpa do delito a si próprio, à vítima e às pessoas que estavam ao seu redor, pois disse que não tinha a intenção de machucá-la. Acredita estar preso “por colocar fogo na casa onde morava com uma mulher”. Alega ter feito uma sociedade, em que ele construía a casa para ela e, em troca, ganharia um estúdio de tatuagens. Quando ele terminou a obra, ela o mandou embora, o que o levou a colocar fogo na casa. “Ela se aproveitou de mim”, afirma. “Minha intenção era de queimar a casa, mas ela entrou lá e se queimou”, porém não morreu na hora. Após se dar conta da situação, tentou suicídio com uma facada na barriga. A mulher morreu por complicações no hospital. Acredita que sua pena foi muito alta, e que deveriam culpá-lo somente pelo incêndio e não por homicídio. Segundo ele, foi julgado por requintes de crueldade, e gostaria de, quando sair, ter uma revisão no seu processo. Estes indivíduos geralmente têm desculpa para seus comportamentos ou culpam os outros de seus atos (Hare, 2004).

Na característica de ausência de remorso ou culpa, Nando mostra-se preocupado consigo e não com as vítimas. Neste sentido, o detento diz em relação às consequências para a vítima: “foi ruim, mas fazer o quê?”. Ao ser questionado se está arrependido, diz que não, que, se era para a casa não ser dele, não iria ser dela também. Neste caso, o indivíduo expressa claramente que não se sente culpado nem arrependido, pois assim o problema estava terminado (Hare, 2004). Quanto à indiferença ou falta de empatia, demonstrou a característica quando afirmou que “agora vai ser diferente: não vou pensar em ajudar os outros, pois ajudando só me ferrei”. Também relatou nunca ter se apaixonado profundamente por alguém. A falta de empatia é profunda nestes indivíduos; preocupam-se somente consigo, e os sentimentos dos outros e bem-estar são desprezados (Hare, 2004). O detento

apresentou insensibilidade afetivo-emocional durante o relato sobre o incêndio e a morte da ex-mulher. Além disso, relatou que não falou mais com os filhos e com a mãe desde que se mudou. Essa característica também vai ao encontro do que propõe Hare: geralmente estes indivíduos apresentam frieza e falta de mobilização emocional (Hare, 2004).

Em relação à superestima, ele afirma saber fazer muitas coisas. Acredita que certamente não ficará sem emprego fora da prisão, e que tem facilidade de aprender as coisas. Durante a entrevista, aparentou ser uma pessoa autoconfiante, firme em suas afirmações sobre sair e ter trabalho, bem como provar a todos que era inocente. Mostrou excessivo valor a suas habilidades e excessiva autoconfiança, considerando suas condições atuais (Hare, 2004).

Outro aspecto observado foi a mentira patológica desde o início do relato, quando referiu não ter matado sua ex-mulher. Mencionou ser inocente, tendo a vítima se atirado no fogo, quando ele “colocou somente a casa para queimar”. Disse que irá reabrir o processo quando sair em liberdade. “Ele é capaz de inventar fábulas bem elaboradas sobre seu passado mesmo sabendo que sua história pode ser facilmente desmentida” (Hare, 2004). Não foi possível obter relatos de familiares sobre as características do indivíduo, visto que faz anos que o detento não vê mais a família e não autorizou qualquer tipo de contato com eles.

A quarta e última entrevista foi realizada com o detento Elton. Este relatou que mudou de escola por três vezes, sendo que fez duas vezes a sexta série, então não foi mais na aula por ter se envolvido com drogas. Costumava provocar brigas com os colegas e também era muito provocado. Ao ser questionado se a família o considerava agitado, ele respondeu que sim, e que duas vezes foi suspenso da escola por indisciplina. Costumava arrumar brigas e provocar tumultos já com 11 anos. Cometia muitos furtos quando criança, geralmente em mercados, “roubando chips”. Depois que saiu da escola, foi para o tráfico, começando a roubar para se sustentar e, com 15 anos, foi morar com amigos que também traficavam. Começou a usar drogas aos 13 anos, usando maconha, crack e também bebida alcoólica. Na mesma época, tinha uma moto que usava para se divertir, por isso foi preso e, muitas vezes, fugia. Aos 15 anos, cometeu um assalto que o deixou preso no Centro de Internação Provisória (CIP). Apresentou, segundo a Escala Hare, delinquência juvenil, e mostrou comportamentos antissociais na adolescência, incluindo acusações e condenações (Hare, 2004).

Está preso por homicídio e duas tentativas de homicídio. Aos 18 anos cometeu o homicídio, o qual justifica ter sido por impulso, “coisa do momento”, mas ele e a vítima brigavam desde os 15 anos. Enquanto estava foragido, realizou mais uma tentativa de homicídio, na qual o indivíduo não morreu, mas ficou em uma cadeira de rodas. Sobre todos os atos referidos, justificou como ação por “cabeça quente”, por questões de brigas e tráfico. Respondeu que algumas pessoas já falaram que o consideram “cabeça quente”, porém acredita que estavam “achando defeito”. Sua família também o considerava agitado. Disse que, quando queria algo, era impulsivo, agitado e insistente. De acordo com a Escala Hare, apresentou alto nível de impulsividade e descontroles comportamentais. Elton tem comportamento inadequado e descontrolado, tende a reagir a punições ou fracassos de forma violenta e se descreve, assim como outras pessoas, como “pavio curto” e “cabeça quente”. Em relação à impulsividade apresentada, este indivíduo faz coisas “no calor do momento”. “Não perde tempo considerando pós e contras de um ato ou considerando as possíveis consequências de suas atitudes, tanto para si próprio, quanto para os demais” (Hare, 2004, p. 70).

Relata que já contou muitas mentiras e que hoje não precisa contar tanto, pois está preso. Em relação às mentiras que contava, disse que “algumas deram certo, outras não, mas não me considero um bom mentiroso”. Ao ser questionado se é fácil enrolar ou manipular as pessoas, ele respondeu que “certas pessoas, sim”. Não quis dar exemplos, mas comentou que “fazia a pessoa acreditar em algo que não era”. Disse isso em relação a amigos, família e namoradas. Elton apresentou mentira

patológica de acordo com a Escala Hare, e sinais de vigarice e manipulação. Neste sentido, o indivíduo usa artimanhas para ganhos pessoais, assim como fraudar e manipular. Em relação à mentira, tem facilidade de mentir até mesmo para aqueles que o conhecem bem (Hare, 2004).

Outro aspecto significativo é que se envolvia em muitas brigas, e com 13 anos já tinha uma moto, com a qual foi pego muitas vezes, e em outras conseguiu fugir. Costumava dirigir em alta velocidade, tanto a moto como automóveis, desde esta idade. Apresenta alto nível de necessidade de estimulação e tendência ao tédio. Esta característica se deve à necessidade de estímulos intensos; sente um grande interesse em correr riscos e rapidamente tende a ficar entediado (Hare, 2004). Elton também apresentou estilo de vida parasitário, de acordo com a Escala Hare, sendo que trabalhou um tempo com seu pai, mas considerava o trabalho ruim, então passou a viver sustentado pelas tias. Disse que sempre morou na casa da avó, e passou também pela casa de três tias, onde sempre foi ajudado por elas. Afirmou que, quando precisava de um dinheiro a mais, cometia furtos. Referiu que, quando sair da prisão, terá ajuda se precisar e irá morar com uma das tias. Este indivíduo costuma ter uma dependência financeira proposital, fazendo parte de seu estilo de vida (Hare, 2004). A ausência de metas realistas e de longo prazo também apresenta resultados importantes, segundo a Escala Hare, sendo que trabalhava pouco tempo nos serviços que tinha. Em um deles, trabalhou três meses e foi demitido. Com o pai, era catador de sucata, então largou por não querer mais trabalhar, sem ao menos ter outro trabalho em vista. Quando foi questionado sobre os planos para quando for solto, ele respondeu: “Difícil essa pergunta, não quero responder, falta um tempo ainda”. Disse não gostar de pensar nisso, pois não sabe como vai ser depois que sair, não sabe como está “lá fora”. Em relação à meta em longo prazo, não sabe o que estará fazendo daqui a 10 anos, mas disse que gostaria de conquistar o que já perdeu — no caso, estudar e ir morar fora do país, pois sua tia está morando lá. “Ele tende a viver o mundo de hoje e a mudar seus planos constantemente” (Hare, 2004). No aspecto de incapacidade de aceitar responsabilidade pelos próprios atos, demonstrou grande dificuldade, especialmente ao relatar a responsabilidade parcial: “Um pouco minha e um pouco da pessoa que me levou a fazer isso”. Disse que tinha muita liberdade para fazer o que queria, pois seu pai o deixava livre então por isso cometia os delitos. Foi demitido do seu serviço de lavador de carros, pois a polícia foi procurá-lo no seu trabalho para investigar, disse que ele não tinha culpa de nada do que aconteceu, mas não sabe por que a polícia o envolveu, e diz “Perdi o emprego por causa da polícia”. Em relação ao homicídio, disse ter cometido por estar sob efeito de drogas, disse que estava “alucinando”. Geralmente estes indivíduos têm desculpa para todos seus atos e culpam outras pessoas por eles (Hare, 2004). Em relação à ausência de remorso ou culpa e indiferença ou falta de empatia, diz que se arrepende do tráfico e do homicídio, pois o levaram a estar preso. Quando questionado se seus atos tiveram consequências para vítimas, disse que, em relação ao homicídio, não conhecia a família da vítima, e que o tráfico tem consequências para quem compra drogas. Em relação aos furtos, disse que a pessoa acaba gostando da facilidade das coisas e que não se arrepende. Ao mesmo tempo, relatou sentir culpa por mentir e enganar a família, mas nada que o deixasse mal: “Me arrependia na hora e voltava a fazer de novo”. Este aspecto caracteriza também a psicopatia, pois o indivíduo pensa somente em si e não se preocupa com o que pode causar aos outros, vendo as outras pessoas como objetos de manipulação (Hare, 2004).

Indivíduo é aparentemente calmo, porém, em suas falas, apresentou várias questões de agressividade, como também loquacidade e charme superficial, segundo a Escala Hare. Este indivíduo “[...] transparece uma espécie de encantamento superficial e não sincero” (Hare, 2004, p. 54). Apresentou uma significativa superestima, sendo que disse, em relação a trabalhos, “aprendo rápido as coisas”. Em relação à autoestima, deu-se uma nota sete, de zero a 10. Ao ser questionado sobre o que falta para melhorar em sua vida, ele respondeu: “Eu mesmo me superar”. Disse querer fazer um curso de mecânica quando sair da prisão, pois afirma já ter conhecimento. Este indivíduo se mostra autoconfiante

e determinado, e exagera quando fala de suas habilidades (Hare, 2004). Na versatilidade criminal, o detento cometeu vários tipos de infração, como assalto, roubos, homicídio, duas tentativas de homicídio, fugas de audiências, etc. Esse aspecto envolve acusações e condenações de vários tipos de delitos (Hare, 2004).

Já na entrevista com os familiares, quem relatou suas características foi a tia-avó. Ela contou que o detento ficava muito sozinho desde criança. Até os seis ou sete anos, disse ela, ele era uma criança normal. Nesta época, o pai teve um relacionamento com uma mulher, que tentou dar limites ao pequeno, porém o pai tinha dó dele e o deixava fazer o que quisesse. Nesta idade, começou a dar trabalho na escola: brigava com meninas e meninos, tendo a madrasta e o pai sido chamados várias vezes. Ela relata ainda que a mãe do detento era usuária de crack desde a gravidez, e que não dava atenção para o menino após o nascimento: “Ele não ganhava afeto”. Quando mais velho, a tia-avó disse que era “rebelia total”: assaltos à mão armada em postos de gasolina, lanchonetes, etc. Disse que ele não dava bola para a vida, e que atirava por coisas banais, matando “por uma Havaianas, por R\$5 ou por considerar que a pessoa falava demais”. Ela contou que o que mais chamava sua atenção era a frieza dele em relação aos roubos e às mortes. “Ele era inconsequente, tudo era adrenalina para ele”. Ainda se referindo às características do sobrinho, a tia relatou achá-lo muito onipotente: “Ele é pavio curto, paga de galo”.

Considerações finais

O presente trabalho teve como principal objetivo descrever as características psicológicas, desde a infância, de detentos diagnosticados como psicopatas, contadas por eles e por seus familiares. Pode-se perceber que as vivências descritas pelos psicopatas e seus familiares têm uma importante relação com a psicopatia, pois, de acordo com as mesmas, eles tinham comportamentos que prejudicavam o outro e a si mesmos.

Autores enfatizam que a sociedade deve ter conhecimento sobre o assunto, para que possa contribuir para a prevenção do possível desenvolvimento deste transtorno (Ferraz, 2006). A partir dos casos estudados, verificou-se a máxima importância de atitudes preventivas direcionadas ao contexto familiar, informando e acolhendo mais as famílias que se deparam com crianças com os sinais de transtorno de conduta. Nesse sentido, as escolas podem ser um importante meio para detecção dessa realidade. Observaram-se, nos três casos, que os sinais estiveram presentes desde cedo, mas não houve qualquer tentativa persistente dos cuidadores para auxiliar ou pedir ajuda frente a dificuldades tão sérias apresentadas pelos filhos. Percebe-se, portanto, ser de extrema importância divulgar estudos como esse e estimular políticas públicas para planejar formas de prevenção e intervenção com as crianças, adolescentes e familiares.

Referências

- American Psychiatric Association. (2004). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM -5*. American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Correa Nascimento... [et al]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... [et al]. (5. Ed). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Hare, R. D. (2004). *Manual Escala Hare PCL-R: Critérios para Pontuação de Psicopatia-revisados/ Robert D. Hare*. Versão brasileira: Hilda Morana. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Ferraz, F.C. (2006). *A abordagem psicanalítica das tendências anti-sociais*. In: COHEN, Claudio; SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho (org). Saúde e justiça. (2ª ed) São Paulo: Editora da USP.

-
- Ludke, M. & André, M. E. D. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 152 p.
- Shine, S. K. (2000) *Psicopatia. Clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do psicólogo. (Coleção clínica psicanalítica).
- Silva, R. S. & Vasconcellos, S. J. L. (2010). *Psicopatia e comportamentos interpessoais em adultos: um estudo correlacional*. Santa Maria, RS. Recuperado de: <https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/101/roberta.pdf>
- Schneider, K. (1950). *Las personalidades psicopáticas*. Ediciones Morata.